

# CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História  
da Universidade de Lisboa

25

CH  
CENTRO DE HISTÓRIA



MHNIN AEIDE ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

Não injuriante aos méritos deste volume, sente-se, todavia, que o mesmo reclama um capítulo respeitante à alimentação no exército, questão suplementada somente por J. F. Donahue. Carece também de um texto sólido acerca do sistema de abastecimento da cidade de Roma (*Annona*), análogo ao de P. Erdkamp para a *polis* de Atenas. Por último, teria sido interessante um capítulo dedicado ao papel das autoridades políticas no contexto do provimento das grandes cidades da Antiguidade, explorando sobretudo a correlação íntima entre estrutura política e aprovisionamento da população (referida brevemente nas pp. 7, 10-11; e p. 394, para o Império do meio).

Assim, acolhemos com agrado *A Companion to Food in the Ancient World*, não só enquanto fundamental instrumento de trabalho, mas também como exemplo primoroso da importância dos estudos da alimentação para melhor compreensão do mundo antigo.

**Álvaro Martinho**

*Universidade de Lisboa*

**MANUEL JUANEDA-MAGDALENA** (2013), *La Lactancia en el Antiguo Egipto*. Cuenca, Editorial Alderabán, 514 pp. ISBN 9-788495-414441 (25.00€)

O Autor da volumosa obra que apreciamos sabe bem do que fala: ele é médico especialista em cirurgia geral e aparelho digestivo (Universidade de Compostela), tendo depois feito um mestrado em Mastologia e Patologia Mamária (Universidade Menéndez Pelayo). E não se ficou por aqui: tornou-se mestre em Patologia Mamária (Universidade de Barcelona) e ainda em Antropologia Física e Genética Forense (Universidade de Granada). O seu interesse pelo antigo Egito levou-o a viajar, por diversas vezes, ao país do Nilo, e a tornar-se membro da Egypt Exploration Society e, no seu país, sócio da Asociación Española de Egiptología e da Societat Catalana d'Egiptología.

Depois dos agradecimentos (pp. 9-10), das abreviaturas utilizadas na obra (pp. 13-15), e da entrada com uma citação das *Instruções de Ani*, do Império Novo (p. 17), vem a introdução (pp. 19-62), provendo o leitor com os dados basilares que melhor o farão entender os capítulos do livro, com assuntos relacionados com a antropologia da latência (pp. 23-26), a latência e a religião, sublinhando a grande difusão das imagens de *Isis lactans* do período romano no Egito e a sua difusão pelo Império Romano (pp. 27-28), a justificação biológica da latência (pp. 28-30), a latência e o desenvolvimento psíquico e cognitivo (pp. 30-32), a latência e a arte, com abundantes representações do sublime ato de amamentar (pp. 32-36), a relação, de timbre mágico-mitológico, com o leite materno (pp. 36-37), a anatomia da mama feminina e a sua presença na arte, a sua utilidade e o aspeto erótico (37-38). Segue-se uma síntese histórica sobre a latência no mundo pré-histórico, na

Mesopotâmia e na Fenícia (podendo causar alguma estranheza a não inclusão aqui da latência em Israel, citando a Bíblia), no mundo greco-romano, na Idade Média, no Renascimento e na Época Moderna (pp. 38-62).

O capítulo II é dedicado às crenças e dúvidas concetuais na terminologia alusiva ao útero e à placenta, analisando-se as relações entre esta (vista também como um *alter ego*), e o cordão umbilical, e ainda o tabu religioso como impedimento para um melhor conhecimento dos órgãos femininos internos, com a explicação das formas hieroglíficas relacionadas com o tema (pp. 63-73), rematado com as teorias egípcias sobre as diversas enfermidades uterinas que se consolidaram na medicina do futuro (pp. 73-79).

O coito e a fertilidade são os assuntos tratados no capítulo III, abrindo com úteis dados acerca da fertilidade masculina e feminina na escrita hieroglífica e na literatura, as deusas ligadas à fecundidade e à fertilidade, que remontavam à fase neolítica (pp. 81-92), os ritos iniciáticos de fertilidade e as falsas «concubinas do defunto» (pp. 92-100), que se completam com a descrição das figuras femininas sobre camas, vistas como um incitamento para a fertilidade, onde não faltam motivos florais (pp. 101-103), avultando duas personagens principais: a mãe e o filho (103-108). São ainda evocados os métodos para evitar a concepção, as fórmulas anticoncetivas, o sémen na concepção, o fundamento anatómico para a fertilidade feminina tal como se depreende dos «papiros médicos» (pp. 109-120). Para atestar a gravidez existiam vários indícios: a prova do alho, a prova da cebola, e ainda as tâmaras e a cerveja, além da análise dos excrementos da grávida (pp. 121-125).

A gravidez, o nascimento e as práticas abortivas constam no capítulo IV, sendo, uma vez mais, bastante úteis as informações contidas nos «papiros médicos», estando estes temas presentes também na literatura profana e na literatura religiosa (pp. 127-133), a responsabilidade biológica dos pais nas diferentes partes que vão conformando a criança no ventre materno segundo o mito e a religião (pp. 134-144), o sangue como um precípua fator de germinação, de integração e de ligação do ser no ventre materno (pp. 144-147), a importância da menstruação e do leite na vida intra e extra-uterina, e a sua evolução no pensamento greco-romano (pp. 147-154). Em seguida surgem as práticas abortivas, o parto e a ação das parteiras, o uso de amuletos e as recitações, os objetos usados no parto, os espaços destinados à realização do parto, o destino da placenta, o leite materno (pp. 154-171), completados com a ação do médico no parto e a proteção de várias divindades, com destaque para Bés, Tauret, Meskhenet e Heket (pp. 172-180). Mas nem sempre o parto corria bem: neste caso valia muito a fé e o uso de um «placebo eficaz», para mitigar a dor do parto e prevenir as sequelas (pp. 180-184), sendo focados diversos casos relacionados com o momento, como as fístulas retovaginais, o prolapso vaginal e outras lesões obstétricas (pp. 184-187), não esquecendo o «nervosismo» do marido (um motivo para o absentismo laboral), a mortalidade perinatal, o «pluralismo epistemológico» das cenas

referentes ao parto, o valor da imagem como signo e como símbolo (pp. 188-193), ainda os *mammisi* (casas do nascimento divino ou *per-mesut*), e o valor profilático dos amuletos (pp. 194-205).

O capítulo V recorda-nos, apenas em quatro páginas, a representação anatómica da mama nos textos e na arte figurativa, sendo conhecidas as práticas de mumificação e de embalsamamento em voga durante a XXI dinastia, altura em que os especialistas ao serviço do clero tebano se esmeravam na recomposição dos seios das damas defuntas, como se observa em várias múmias que chegaram até nós. Também se sabe que durante os funerais as carpideiras «exponíam las mamas desnudas», enquanto nas festividades e nos banquetes as damas deixavam ver os seios esbeltos na transparência do fino linho, em contraste com as servas e as dançarinas, que tinham os pequenos seios a descoberto, evidenciando a ambiência erótica de certas cenas que se podem admirar nas paredes de alguns túmulos do Império Novo na região de Lucsor Ocidental (pp. 207-210).

A latência e a sua importância no antigo Egito é o tema do capítulo VI, desde a amamentação do pequeno faraó (ou futuro monarca), relacionando com a cerimónia de entronização, evocação das cenas da latência divina do faraó e sua relação com o colar *menat*, a hierogamia, a latência referida nos textos funerários e no mito de Ísis e Hórus, a latência divina dos defuntos, as damas amamentadoras (amas de leite do rei), as quais tiveram o seu apogeu social na XVIII dinastia (pp. 211-278). O capítulo inclui ainda a análise da presença do leite e da latência na escrita hieroglífica, o leite no tratamento de doenças, imagens e modelos da latência divina, os modelos da latência cortesã e latência popular (pp. 279-336), e por fim é sublinhado o valor arqueológico das imagens da ama de leite nos textos e nas imagens, e a questão da mastite puerpural que vem descrita na literatura médica do antigo Egito, até porque as glândulas mamárias da mulher egípcia sofriam com o problema que, neste âmbito específico, ainda aflige as mulheres atuais (pp. 337-340).

O capítulo VII apresenta-nos a habitação, as doenças e a mortalidade infantil no antigo Egito, que de facto era elevada, como se deduz do estudo de várias necrópoles do Império Novo e de períodos subsequentes. O Autor menciona como uma das principais causas a alimentação deficitária e as doenças parasitárias, sendo o Nilo um responsável, pelo que o grande rio, sendo fonte de vida também era uma causa para muitas maleitas: são enumeradas mais de dez enfermidades de origem fluvial (pp. 341-350).

O capítulo VIII é muito abrangente, sobre «La familia y el niño. La protección divina de la infancia. Los ayos reales. La enseñanza. Las instituciones de palacio en la enseñanza. Sociedad y escolarización». Tantos assuntos, que se vão encadeando, e que começam com um tema muito atual: o casamento e a família como pilares da sociedade, avultando aqui a mulher como «dona de casa» (*nebet-per*), a proteção divina da criança, o papel dosaios reais, as crianças do *kap* (instituição que o Autor interpreta como sendo um

«harém»), uma linhagem de tutores reais da XVIII dinastia, as instituições palatinas ao serviço do ensino, a escola como complemento da latência, as relações entre a escola e a sociedade, os professores ou mestres, o ensino básico e as relações entre a escola e a vila operária de Deir el-Medina, onde residiam os trabalhadores da necrópole real (pp. 351-389). Segue-se um assunto ainda não de todo esclarecido, que é a participação das meninas na atividade escolar, e ainda a relação entre a alimentação e o ensino na fase da infância, a idade do início da aprendizagem na escola (outro tema controverso), e ainda a forma como os adultos viam (ou reviam) a infância (pp. 389-400).

A imagem e o imaginário da latência através da iconografia podem ser vistos no capítulo IX, começando pela criança no relevo (mas também na estatuária) e na pintura, a proporção corporal infantil, a criança em companhia de elementos não humanos, quer as flores quer os animais, a criança com os seus irmãos, a nudez, o vestuário, a cor e o sexo como marcadores de identificação da idade (com destaque para a trança de cabelo caindo à direita sobre o ombro), o dedo na boca como «santo y seña de la edad infantil» amiúde figurados nas imagens, e enfim, a criança representada em ambiente funerário como meio de exprimir a ideia de renascimento (pp. 401-416).

O tema remata com um epílogo, lembrando a presença da mama feminina como recurso literário erótico na poesia amorosa (XIX dinastia) e a ginecomastia na arte (pp. 417-420), a saúde, a criança e o bem-estar infantil no Egito moderno, com apropriadas referências à primeira dieta, a comparação entre a mortalidade e a longevidade no Egito faraónico e no Egito moderno, bem como as interrelações entre a religião, a sociedade e a latência no Egito moderno (pp. 420-428), completadas com uma apreciação da crença muçulmana e as crenças judaico-cristãs (pp. 429-432), a importância do leite materno e o desenvolvimento da personalidade e a integração social do indivíduo, o mito, a religião e a experiência como fundamentos da prática médica no antigo Egito (pp. 429-444) e, a terminar, a contribuição da paleopatologia na egiptologia, enfatizando-se a relação entre o homem e o meio ambiente, enumerando as fontes de informação da paleopatologia, a evidência da tecnologia moderna médica para o estudo das múmias, e ainda o presente e o futuro da paleopatologia (pp. 444-454).

Nas conclusões (pp. 455-457) Manuel Juaneda-Magdalena sublinha bem que «la civilización egipcia fue capaz de reconocer la necesidad de la lactancia materna, a cuya lección el hombre moderno no ha de permanecer jamás indiferente», seguindo-se um glossário médico (pp. 459-464), o índice das ilustrações (pp. 465-466), que não são tão abundantes como seria de esperar para o tema aqui tratado, e uma copiosa bibliografia específica e concernente (pp. 467-505).

Salvo melhor opinião, o capítulo V, sobre «La representación anatómica de la mama en la escritura y las artes figurativas», que só tem quatro páginas, intrometendo-se entre o capítulo IV, dedicado ao «Embarazo, nacimiento y prácticas abortivas» (que tem mais de setenta páginas), e o capítulo VI, sobre «La lactancia y su importancia en el antiguo Egipto» (com mais de cem páginas!), deveria ser inserido no capítulo IX, o qual apresenta «La imagen y lo imaginario de la lactancia a través de la iconografía» (com as suas mais de trinta páginas), porque a temática é aparentada e confluyente, evitando-se assim alguma repetição de assuntos já apresentados que aqui parece existir.

O Autor, que é cirurgião na Unidade de Patologia Mamária do Hospital Abente y Lago (Complejo Hospitalario Universitario de la Coruña), oferece, com este volume, um sólido apoio para todos os que se interessam por temas egíptológicos em geral, e por questões relacionadas em particular com a saúde e o bem-estar no antigo Egipto, um país de longa civilização, onde o leite e a amamentação sempre tiveram um relevante papel de timbre religioso, médico, afetivo e sociológico.

**Luís Manuel de Araújo**

*Universidade de Lisboa, Centro de História*

**INMACULADA VIVAS SAINZ** (2013), *Egipto y el Egeo a Comienzos de la XVIII Dinastía: una visión de sus relaciones, antecedentes e influencia iconográfica*. (BAR International Series 2585), Oxford, Archaeopress, 237 pp. ISBN: 978-1-4073-1213-2. (51.00€).

A presente monografia tem a sua origem na tese de Doutoramento da A., defendida em 2004 na Universidade espanhola de Alcalá de Henares e que se debruçou sobre os frescos minóicos descobertos em Tell El Dab'a/Aváris, a capital dos Hicsos durante o Segundo Período Intermediário, localizada no Delta Oriental do Nilo. A investigação centra-se nos intercâmbios culturais entre o Vale do Nilo e o Mundo Egeu. A obra, que se destaca pela escrita simples, clara e sintética (apesar da complexidade do tema em análise e da interdisciplinaridade de que Vivas Sainz se socorre para expor as suas ideias e complementar as informações ao seu dispor, em grande medida sempre dependentes dos resultados de escavações arqueológicas), está estruturada em nove capítulos, com vários subcapítulos. Ao longo do texto, a necessidade de ter presente um *status quaestionis* relaciona sempre os estudos fundamentais sobre cada tema publicados até à data, com as diferentes teorias e hipóteses avançadas. As abundantes referências bibliográficas citadas em cada tema acompanham, em notas de rodapé, o avançar da investigação, que apresenta ainda, no fim de cada capítulo, uma pequena conclusão que revê as ideias expostas e as sistematiza. A inclusão de mapas, ilustrações,